

Rodrigo da Fonseca

1835



*Postos todos a comer à mesa depressa
passariam de convivas satisfeitos a amigos
dedicados (Rodrigo da Fonseca).*

*Foge cão que te fazem barão... para onde, se me
fazem visconde?
(Almeida Garrett)*

*Uma nação de empregados/ É Portugal?
Certamente/ Até D. Miguel do trono/ De Maria
... é pretendente
(Brás Tisana)*

Devoristas, fusão, godos e vândalos

● **Mendizabal sobe ao poder em Espanha** – No ano da criação do Banco Comercial do Porto, surge a proposta de Dias Pegado para a criação em Portugal de uma só Faculdade de Jurisprudência e José Homem Correia Teles (1780-1849) publica o *Digesto Portuguez ou Tratado dos Direitos e Obrigações Civis, Accomodado às leis e Costumes da Nação Portuguesa para Servir de Subsídio ao Novo Código Civil*. Já em Espanha sobe ao poder Juan Alvarez Mendizábal e em Macau é destruída por um incêndio, na noite de 26 para 27 de Janeiro, a Igreja de São Paulo, construída em 1594, cujas ruínas ainda hoje constituem o *ex libris* do território. O goês Bernardo Peres da Silva é nomeado para suceder ao Vice-Rei da Índia, com o novo título de *prefeito*, mas depressa sofre a revolta do coronel Fortunato de Melo, que ele levava da metrópole, tendo que passar a residir em Bombaim, onde pede aos ingleses apoio para restaurar a sua autoridade. Estamos no ano em que aparecem os dois primeiros tomos de *De la Démocratie en Amérique* de Alexis de Tocqueville (1805-1859) e em que o deputado Passos Manuel apresenta no parlamento uma proposta para abolição do celibato eclesiástico, enquanto o deputado Pessanha prefere propor a abolição da pena de morte.

● **Diário do Governo** – No dia 1 de Janeiro começa a publicar-se um *Diário do Governo*, ainda não como folha oficial, mas como iniciativa particular dos funcionários.

● **Esquerda defende a tolerância para com os miguelistas** – Passos Manuel apela para a conciliação entre vencedores e vencidos: *a minha forme convicção é que todas as opções devem ser representadas e que todas devem ser garantidas. Isto que eu quero, querem-no também os oprimidos...*

● **Chamorros**. A oposição começa a designar os situacionistas como *chamorros*, designação dada aos portugueses partidários de Castela na crise de 1383-1385, e começa a dominar nas Guardas Nacionais.

● **Remodelação** – Em 16 de Fevereiro: Agostinho José Freire abandona a marinha e assume a pasta do reino (até 27 de Maio de 1835). Conde de Vila Real larga os estrangeiros passa para a marinha. Duque de Palmela nos estrangeiros (até 28 de Abril de 1835).

● **Turbulência** – Os decretos sobre esta remodelação apenas são publicados no dia 20. Vive-se, então, um período de turbulência e o *ministério remodelou-se com a prata da casa*. Há 31 deputados da oposição que pedem a dissolução da Câmara dos Deputados. Na votação de quarta-feira de cinzas, o governo ganha por 59-30. Com efeito, um dos deputados da oposição passa-

se para o lado governamental. É Saldanha que, entretanto, aceitara o lugar de embaixador em Paris.

●**Tumultos contra Palmela** – Cerimónia oficial do casamento de D. Maria e de D. Augusto na Sé de Lisboa (26 de Janeiro). O novo rei é nomeado comandante em chefe do exército (20 de Março). Morre em 28 de Março, vítima de uma angina. Tumultos em Lisboa contra Palmela. Acusam-no de ter envenenado D. Augusto para casar D. Maria com um seu filho. Acusam-no de entendimentos com Wellington. As portas da casa do duque chegam a ser arrombadas pelos *clubistas* e por membros das Guardas Nacionais que entram em confronto com a Guarda Municipal. O ambiente é minado por vários clubes radicais existentes em Lisboa, onde há discursos inflamados e quase republicanos de José Estêvão e de António Bernardo da Costa Cabral.

●**Grande empréstimo** – Primeiro grande empréstimo de Silva Carvalho, contraído em Londres com o banqueiro N. M. Rothschild, através de Mendizábal (1 de Abril). Os bens nacionais são a base material e a garantia do pagamento. Visa-se a conversão de juros. O empréstimo anterior data de Julho de 1834, tendo em vista a extinção do papel-moeda. O segundo empréstimo é de 3 de Abril e o terceiro, de 29 de Abril

●**Mais remodelações** – Em 20 de Março: Conde de Vila Real na guerra, a título interino.

●Em 28 de Abril: Manuel Duarte Leitão na justiça. D. Vitorio Maria de Sousa Coutinho, segundo conde de Linhares, na marinha. Conde de Vila Real regressa aos estrangeiros

●**Um novo chefe de governo** – Em 4 de Maio: D. Vitorio Maria de Sousa Coutinho, substitui Palmela, a quem os opositores chamam *o ministro dos estrangeiros em Portugal*. O governo acaba por cair por causa das intrigas palaciana. E tudo se precipita quando o mesmo propõe a nomeação do general Luís Rego, sogro de Rodrigo da Fonseca, para visconde de Geraz de Lima. Alguns áulicos até o acusam de ter sido miguelista. Como salienta António Viana: *vão de novo germinar os cogumelos venenosos das intrigas de camarilha Aquilo que Rebelo da Silva qualifica como *excrecência fatal e cancerosa do poder absoluto*.*

●**Comer à mesa do orçamento** – *Uma nação de empregados/ É Portugal? Certamente/ Até D. Miguel do trono/ De Maria ... é pretendente* (Brás Tisana).

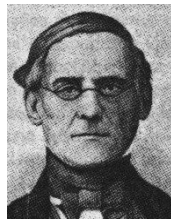
●Carta de lei sobre o **modo de venda dos bens nacionais** (15 de Abril). Alterada por diplomas de 8 de Junho de 1841 e de 8 de Junho de 1843. Segundo Martins da Silva, até 31 de Dezembro de 1843 são lançados em hasta pública 17 240 prédios, tendo-se apenas vendido 42,15%. Em 1836 e 1837 são vendidos 1 492 e 1 247, respectivamente, enquanto em 1835 apenas são vendidos 279. Os bens eram vendidos não apenas a dinheiro, mas sobretudo com títulos, quer dos dinheiros devidos aos que combateram pelos vencedores, quer dos que se dessem por indemnizações aos mesmos. E com títulos se comprou o bolo maior dos bens (96,35%). Há 1 876 compradores, entre 1835 e 1843..

●**O escândalo dos novos ricos** – *Os homens que haviam chegado ontem a Portugal com as algibeiras vazias eram agora todos milionários, e escandalizavam a miséria pública com os seus palácios de mármore, e com as suas carroças douradas* (palavras do miguelista João de Lemos em 1847).

●**Governo nº 7 de Saldanha** (176 dias, desde 27 de Maio, pouco mais de cinco meses). O chamado *governo dos impossíveis* sucedendo ao *ministério devorista*, embora os *chamorros* tenham tentado um governo presidido por Agostinho José Freire sem palmelistas. Conforme a opinião de Oliveira Martins, Saldanha aparece, então, como um *general sem exército*, sucedendo a um

Palmela, dotado de uma *clientela firme*.

●Saldanha, um *general sem exército*, um *homem sem ideias*, os *partidos e programas são para ele ocasiões, e nada mais* (Oliveira Martins), acumula a presidência e a guerra.



Há dois elementos da esquerda: Francisco António Campos, na fazenda, e o Marquês de Loulé, na marinha. Dois ministros são considerados *conservadores*: João de Sousa Pinto de Magalhães²¹ (1780-1865) no reino e o Duque de Palmela, nos estrangeiros. Sem

facção, apenas Manuel António de Carvalho, o primeiro barão de Chancelheiros, na justiça.

● **O governo dos impossíveis** – *A feição do ministério é muito difícil de descrever. O Presidente do Conselho é um dos chefes da oposição que ele tinha abandonado pelo lugar de Enviado Extraordinário em Paris, sem dar a menor explicação; Francisco António de Campos e o Marquês de Loulé igualmente chefes da mesma oposição; o Duque de Palmela um dos membros mais salientes da oposição chamorra; Pinto de Magalhães e Manuel António de Carvalho sem cor política pronunciada...* (Marquês de Fronteira sobre o governo de Saldanha).

● Saldanha escreve a Silva Carvalho: *se o Agostinho entrar, toda a direita será oposição.* No dia 10, Terceira, em carta a Silva Carvalho salienta: *é preciso que V. Ex.^a entre e que o marquês de Saldanha fique* (11 de Julho).

● **Remodelações.** Em 15 de Julho: Rodrigo da Fonseca, novo ministro do reino. João de Sousa Pinto de Magalhães passa para a justiça. José da Silva Carvalho regressa à fazenda, em lugar de Francisco António Campos.

● Em 25 de Julho: António Aluísio Jervis de Atouguia substitui Loulé na marinha.

● **O ministério dos godos** – Dá-se uma mudança radical no governo, com a entrada de Rodrigo da Fonseca, segundo uma combinação feita entre Silva Carvalho e Saldanha. O governo deixa de ser o *ministério dos impossíveis* e passa a ser chamado o *ministério do rei dos godos* ou *ministério do último rei godo*, aludindo-se ao nome de Rodrigo, então com 43 anos. O jornal da oposição *O Nacional* publica então um famoso artigo sobre as *51 caras de Saldanha*.

● **Pressão de Mendizábal e Walden** – O enviado do novo governo a Londres, Jervis de Atouguia, amigo pessoal de Saldanha, regressou com o recado de Mendizábal, no sentido da substituição de Francisco António de Campos. Saem imediatamente Campos e Manuel António de Carvalho. Dez dias depois é a vez de Loulé. O governo ficou puramente *chamorro*. Em todo o processo é marcante a acção do embaixador britânico Howard de Walden, bastante procurado por Saldanha e Silva Carvalho.

● **Confusão na oposição.** Mas, entre os deputados oposicionistas também reina grande confusão, com Leonel, Passos Manuel e Barjona a entrarem em conflito. Ao facto não são estranhas as manobras de António Dias de Oliveira, então *espião* de Silva Carvalho.

● **A nova elite** – *Uma elite se ergueu sobre os escombros das ruínas provocadas pela extinção dos conventos e por sobre a miséria dos seus ex-moradores. Foram os barões de Garrett; os nobres antigos e os enobrecidos recentes, não hostis ao regime; e os não nobres também, favorecidos pela sorte ou pelo dinheiro ou pela política ou pelo que se lhe quiser chamar. Foi também a classe política: o grupo daqueles que, instalados no poder ou perto dele, mais facilmente se puderam socorrer dos meios e das condições necessárias para acederem a uma fatia razoável na partilha dos prédios leiloados ditos nacionais. Se já eram privilegiados antes, tornaram-se poderosos agora* (A Martins da Silva).

● **Política de empregadagem** – Emitido decreto sobre a reorganização administrativa de 18 de Julho de 1835 que reforça o poder central, habilmente manobrado por Rodrigo da Fonseca que instaura uma *política de empregadagem* e de distribuição de mercês. Diz na altura que *postos todos a comer à mesma mesa depressa passariam de convivas satisfeitos a amigos dedicados.* Desencadeada uma política de criação de barões, como os de Moncorvo, Samodães, Bonfim, Sabrosa, Setúbal, Ruivós, Bóbeda, Leiria. Como então dizia Garrett, *foge, cão, que te fazem barão. Para onde? Se me fazem visconde...*

● **Companhia das Lezírias** – Vários pares enviam um protesto ao governo contra a venda da Companhia das Lezírias (10 de Novembro). Uma companhia formada pelo Joaquim Pedro Quintela, 2º barão de Quintela e 1º conde de Farrobo (1801-1869), visconde das Picoas, José Maria Facha e tendo a cobertura de Mouzinho da Silveira. Isto é, há sempre um honesto e honrado político, ou um afamado intelectual, aposentado, reformado ou silenciado, que os desonestos devoristas conseguem adquirir no mercado das frustrações e das ambições, oferecendo-lhe a sinecura, a prebenda ou a condecoração.

● **Começam os pronunciamentos militares** – Governo decide enviar um corpo expedicionário de 6 000 homens para Espanha, a fim de combater os carlistas (6 de Outubro). Forte oposição à ida de tropas (10 de Novembro).

● **Eleições suplementares** – Decreto manda proceder a eleições suplementares para a Câmara dos Deputados e à eleição simultânea das juntas gerais de distrito (9 de Outubro). Há uma vigorosa campanha da oposição, com um novo jornal *Gazeta de Portugal*. Oposição ganha 31 dos 35 lugares em disputa. Na Câmara dos Deputados a oposição passa a contar com 71 deputados (16 e 29 de Novembro).

● Esboça-se uma nova dialéctica: de um lado a situação, a união dos chamorros e dos palmelistas, reforçados por Saldanha; do outro, a oposição, marcada pelos ex-vintistas, com uma ala radical, dita dos *irracionais*. Os miguelistas que restam já apoiam claramente a oposição dita de esquerda. De qualquer maneira, desfaz-se a inicial repartição de forças do imediato pós-guerra.

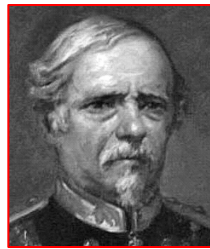
● O jornal *Nacional* observa que *ao mesmo tempo que o povo lhes delegava soberania, o governo declarava que eles tinham perdido a sua confiança; esta solene declaração de guerra entre o povo e o governo não pode deixar de ter as suas consequências necessárias.*

● **Envio de tropas para Espanha** – Conselho de Estado cede à pressão dos militares e adia o envio de tropas, conforme sugestão de Aragão Morato. A maioria vota contra o governo que solicita imediatamente a demissão e D. Maria II pede ao marquês de Fronteira para este formar governo, coisa que este não consegue. Terceira e Saldanha decidem passar à inactividade os oficiais que se candidatam às eleições (18 de Novembro). Os militares que se opõem são castigados. Entre os demitidos, contam-se João Pedro Soares Luna, barão de Sabrosa, José Maria de Sousa, Manuel Bernardo Vida, Vasconcelos Correia e Manuel Tomás dos Santos (14 de Novembro). Manifestação de oficiais, em Alcântara (17 de Novembro), donde sai uma delegação que se dirige à rainha, declarando que a tropa está em armas. Saldanha cai *na ponta das espadas*. Segundo Lavradio, *estão inaugurados os pronunciamentos militares em Portugal.*

Saldanha e Palmela são obrigados à demissão. Assim o Exército, como salienta Oliveira Martins, *educado, desde largos anos na tradição dos pronunciamentos...era, portanto, como que uma prolacção dos partidos, uma parte armada das clientelas, transformando-se os partidos em bandos armados*. Não tardará que Sá da Bandeira reconheça: *para um homem ser ministro de Estado basta que um batalhão, de mãos dadas com periódico o queiram.*

● **Governo nº8 de José Jorge Loureiro** (1791-1860) (155 dias, a partir de 18 de Novembro, cerca de cinco meses) Um gabinete integralmente composto por membros da Maçonaria do Sul que nasce tanto dos resultados das eleições suplementares como do pronunciamento. O chamado *ministério dos vândalos*, dominado pela antiga *oposição mercantil*.

● Presidente ² acumula a pasta da guerra. Sá



da Bandeira no reino (até 25 de Novembro de 1835) e na marinha. Manuel António Velez Caldeira Castelo Branco (1791-1868) nos assuntos eclesiásticos e

justiça. Na fazenda, Francisco António de Campos (até 6 de Abril, quando assume a pasta José Jorge Loureiro). Marquês de Loulé nos estrangeiros.

● Em 25 de Novembro: Luís Mouzinho de Albuquerque nos reino (ausente até ao dia 30 de Novembro)

● **O sonho do império colonial** – Sá da Bandeira apenas se interessa pelos assuntos ultramarinos. Segundo Fronteira, *desejava exportar para as colónias todas as leis da Ditadura de D. Pedro, fazendo os pretos e mulatos administradores de concelhos e regedores de paróquia, sem eles saberem o que isso era, e, ainda mais, fazendo-os jurados*. Refere também que Sá da Bandeira é *inimigo capital da escravatura*, mas que, *sem o saber, está rodeado de negreiros*. Salienta até que *a sua banca estava cheia de plantas e vistas de cidades que imaginava edificar.*

- **Moralidade, economia, desinteresse** – Invoca-se a *moralidade, a economia e o desinteresse*, numa evidente reacção contra a política de Rodrigo da Fonseca. Aliás, os novos ministros logo oferecem ao Estado metade dos respectivos ordenados. Contra a política financeira de Silva Carvalho é nomeada uma comissão para examinar as operações de crédito realizadas pelo tesouro públicos desde 19 de Dezembro de 1834, face àquilo que F. A. Campos considera ser uma *falta de contas* (25 de Novembro).
- **Contra Rodrigo** – Governo suspende, em 2 de Dezembro, reformas do ensino emitidas pelo anterior gabinete, por acção do novo ministro do reino, Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque, face a protestos da Universidade de Coimbra, contra a governamentalização da instrução que teria sido levada a cabo por Rodrigo da Fonseca, nomeadamente com a criação em 7 de Setembro de um Conselho Superior de Instrução Pública.
- **Contra Silva Carvalho** – Os adversários de Silva Carvalho consideram que o forte deste *são empréstimos e operações de fundos manejados lá fora, porque isso oferece larga margem para muita coisa que ele gosta*. Ele seria um *novo alquimista que sabe converter não ferro em ouro, mas, o que é mais, papel em moeda corrente*.
- **Muda o nome dos senhores** – Jervis de Athougua, então um radical saldanhista, no jornal do Porto, *A Vedeta da Liberdade*, proclama: *Mudamos de nomes de Senhores: e os bens que eram das extintas corporações e que se tornaram da Nação estão sendo em parte a presa de poucos ambiciosos*, numa directa crítica ao processo de venda de bens nacionais (24 de Novembro).

☞ **Da esquerda**

Confusão na oposição

● O gabinete de Saldanha provoca uma grande confusão na oposição, onde, para além da chamada *oposição mercantil*, de Francisco António de Campos, surgem mais duas facções, com Leonel Tavares Cabral e Passos Manuel a entrarem em desavença.

Grupo da Maçonaria do Sul

● Liderados por Francisco António de Campos. Afectos à Maçonaria do Sul. Outros integrantes do grupo são José Jorge Loureiro, Luís Mouzinho de Albuquerque, Manuel António de Carvalho, Anselmo José Braamcamp, e A. César Vasconcelos Correia.

● São os chamados radicais da *oposição mercantil*.

Grupo da Maçonaria do Norte

● Grupo de Passos Manuel, ditos *radicais da oposição pura*, ligados à Maçonaria do Norte. Com Almeida Garrett, Manuel António Coelho da Rocha, António Fernandes Coelho e Joaquim Pedro Celestino Soares.

● O grupo considera-se uma espécie de terceira força, dizendo-se o *partido da liberdade* e atacando a situação, dita como *partido corruptor*. Mobiliza aqueles radicais que se começam a tornar moderados.

● Edita, a partir de 2 de Julho de 1836, *O Português Constitucional*, dirigido por Almeida Garrett.

Irracionais

● Grupo de Leonel Tavares Cabral, os radicais que começam a ser qualificados como *irracionais*. Tem a adesão de João Bernardo da Rocha Loureiro.

● Não-de ter como base o Clube dos Camilos e deles há-de emergir o grupo extremista do Arsenal.

● A *Sociedade Patriótica* Lisbonense, dita *Clube dos Camilos*, surge em 9 de Março de 1836.

● É aí que António Bernardo da Costa Cabral, em discursos quase republicanos, chega a apelar para a necessidade de uma ditadura da plebe

● Funciona nas casas do mosteiro dos cônegos regantes de S. Camilo de Lélis, à Praça da Figueira, em Lisboa.

● Entre os sócios: Abel Maria Jordão de Paiva Manso, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Anselmo José Braamcamp, António Bernardo da Costa Cabral, António César de Vasconcelos Correia, Francisco António de Campos, Francisco Soares Caldeira, Francisco Xavier da Silva Pereira, João Baptista Leitão de Almeida Garrett, João Gualberto de Oliveira, João Gualberto de Pina Cabral (1805-1854), José da Costa de Sousa Pinto Bastos, Júlio Gomes da Silva Sanches, Leonel Tavares Cabral, Rodrigo Pinto Pizarro.

● Nos seus estatutos, pode ler-se o objectivo de *sustentar e defender, por todos os meios legais, o sistema representativo, a propagar o amor ao mesmo sistema e a concorrer geralmente para a felicidade da Pátria*.

● Deste grupo sai o *Clube do Arsenal*, com José António do Nascimento Morais Mantas, José Estêvão (1809-1862), Francisco António de Campos, Francisco Soares Caldeira, Ricardo Rodrigues França, José Alexandre de Campos e Almeida, Vicente Gonçalves Rio Tinto e António Bernardo da Costa Cabral.

Para a direita ☞

Aliança de saldanhistas, carvalhistas e palmelistas

● A aliança entre chamorros, conservadores e saldanhistas, a que os opositores chamam *partido corruptor*. Tem, como principal figura operacional, Rodrigo da Fonseca, o chamado *raposa*, que gera um sistema de *empregadagem*, utilizando o esquema do *comer à mesa do orçamento*.

● Os opositores chamam-lhe *uma camarilha feita para devorar o país à sombra de uma criança* (Taipa). Dão-lhe o jocoso nome de *pastelão*, segundo uns versos surgidos na altura: *um pasteleiro queria/fabricar um pastelão/e, porque tinha de tudo,/deu-lhe o nome de fusão*.

● Protestos na Câmara dos Pares contra a venda da Companhia das Lezírias, subscrito por Fronteira, Loulé, Taipa e Sá da Bandeira.

Chamorros ou devoristas

● *Brasileiros* ou *partido dos amigos de D. Pedro*. Com Silva Carvalho, Agostinho José Freire e Rodrigo da Fonseca. Os adversários também lhe chamam *devoristas*.

● Dominados pelas principais figuras do Grande Oriente Lusitano. Vivem em aliança com o grupo dos palmelistas ou aristocratas, também dito *conservadores*.

● Silva Carvalho utiliza como colaboradores Gomes de Castro, que envia a Londres, Dias de Oliveira, no Porto, e o Visconde da Carreira, em Madrid.

Conservadores

● Ditos da *direita*. Liderados por Palmela, com João de Sousa Pinto de Magalhães (1780-1865).

Saldanhistas

● Saldanha tem como principais amigos tanto Jervis de Atouguia como Rodrigo Pinto Pizarro.

124-126, 134, 135, 143-144; Ferrão, Almeida (1963): 25; Fronteira (VI): 143, 145, 146, 149, 161; Gomes, Marques (1894): 78, 144, 146, 156; Lavradio (II): 80, 82, 83; (III): 111-113; Marques, Oliveira: 92, 160; Martins, Joaquim Pedro d'Oliveira (*Páginas Desconhecidas...*): 112; (1881, I): 39, 51, 215; (1881, II): 227; Monteiro, Sousa (V): 128; Sá, Victor de (1969): 118 ss.; Silva, A. Martins da (1997): 141, 259, 299, 306, 327, 394, 462, 478; Valente, Vasco Pulido (1997): 38; Viana, António Viana (*Silva Carvalho...II*): 99, 195, 210.